

BASES OPERACIONAIS PARA O GESTOR AMBIENTAL ATUAR EM EDUCAÇÃO NAS EMPRESAS E NAS COMUNIDADES

Rodolfo Antônio de Figueiredo*

RESUMO

A atuação na educação ambiental dos agentes sociais, presentes no seio das indústrias e também no entorno delas, é de fundamental importância para o gestor do ambiente. Neste artigo, são apresentados alguns métodos e técnicas que o gestor ambiental poderá lançar mão para atingir a sua finalidade educacional.

PALAVRAS-CHAVE: *educação ambiental; gestão ambiental.*

ABSTRACT

Acting on environmental education of the social agents which are present in and around the companies is highly important to the environmental manager. In this article, some methods and techniques are presented so that the environmental manager might use them to achieve his educational goal.

KEY-WORDS: *environmental education; environmental management.*

Introdução

O papel do gestor ambiental é fundamental e único no sentido de prover à comunidade, de dentro e do entorno da indústria, informações necessárias para analisar os problemas ambientais detectados. Formas de educação devem ser encontradas e implementadas pelo gestor para sensibilizar as pessoas e trazer à tona questões ambientais. A educação possibilitará que a comunidade tome decisões mais bem embasadas e, com isso, sinta-se mais segura. Os objetivos e metas devem estar presentes para o gestor ambiental antes mesmo de começar a se envolver no planejamento. Para atingir tais metas ele poderá escolher diferentes metodologias, dentro do arsenal disponibilizado pela educação.

*Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pela UFSCar, Bacharelado em Direito na FADIPA, Mestre e Doutor em Ciências (área Ecologia) pela UNICAMP; Professor Titular e Coordenador Pedagógico do curso de Ciências – Habilitação em Biologia da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta, Professor e Coordenador do curso de Pós-graduação em Ecologia e Educação Ambiental, e Coordenador Geral do Centro de Pós-Graduação das Faculdades Padre Anchieta, Rua Bom Jesus de Pirapora 140, 13207-660 Jundiá, SP, (0xx11)45218444 ramal 244, Email: rodolfoa@anchieta.br

Métodos e Técnicas de Atividades Ambientais

A seguir, serão apresentados alguns métodos e técnicas que podem ser utilizados em ações de educação ambiental. Caberá ao gestor escolher, entre esses métodos, os mais adequados ao público-alvo, ao local onde se desenvolverá a atividade, ao tempo que lhe é disponível e aos recursos financeiros disponíveis. Trabalho ambiental, envolvendo crianças, deve apresentar uma linguagem diferente de um com adolescentes e adultos. Também, deve-se estar atento ao nível educacional do público, a fim de utilizar meios mais adequados. Essa escolha vai da experiência e do bom senso do gestor. O único meio de saber se atingiu os objetivos com a técnica escolhida é através da avaliação ao final da atividade.

Os métodos e técnicas discutidos estão em seqüência do menor para o maior envolvimento e inter-relação entre o gestor ambiental e o público-alvo (educandos).

1. Relatórios científicos em versão popular. O gestor ambiental poderá transformar o relato dos resultados obtidos em determinada ação ambiental, escrito de forma científica, em versão utilizando uma linguagem menos técnica. Os educandos, ao lerem esses relatórios de cunho popular, estarão informando-se a respeito da ação, podendo ser útil às suas reflexões e futuras ações. Mas, a interrelação entre público e gestor é muito pequena e, para minimizar este problema, pode-se marcar uma reunião nas diversas comunidades para se deixar à disposição de perguntas.

2. Entrevistas e artigos. O gestor poderá fazer contato com jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão para expor determinado tema ou experiência. Os educandos lerão ou assistirão a essas entrevistas, informando-se mais a respeito de algum tópico ambiental. Neste método, também reuniões posteriores são importantes para aprofundar a discussão com a comunidade.

Outro ponto é motivar esses meios de comunicação a fazerem textos ou programas sobre temas ambientais, inclusive com artigos escritos pelo próprio gestor. Textos veiculados por informativos de sociedades, de sindicatos, de igrejas, de indústrias e dentro de condomínios, podem atingir um amplo público, que posteriormente poderá envolver-se com o trabalho comunitário.

3. Organização de documentos. Reunir livros, revistas, textos, fitas K7 e vídeos em um local e disponibilizar esse material para empréstimo. As informações serão úteis para o aprendizado das pessoas da comunidade, que manterão algum contato com o gestor, que poderá estar presente no local em determinadas horas e dias da semana. O gestor poderá optar por disponibilizar todo o material conseguido, ou selecionar aqueles que melhor se adequam aos parâmetros da educação ambiental. Para se inteirar de como proceder esta análise, será útil consultar o livro de Trajber

& Manzochi (1996).

4. Sessões de músicas e filmes. Promover reuniões na comunidade para assistir juntos a uma fita de vídeo, ou para escutar música, é útil na construção de ligações afetivas entre as pessoas. A reflexão crítica sobre o que foi visto é fundamental. Sempre existem pontos positivos e negativos, seja em conceitos ecológicos, seja em visões de mundo que o vídeo ou a música procuram passar. Além disso, fazer uma análise mais aprofundada do conteúdo do filme ou da música permitirá identificar desvios rumo à propaganda de alguma ideologia que o autor professa ou a utilização da abordagem ecológica para justificar a manutenção dos modelos sócio-econômicos vigentes.

5. Palestras. O gestor pode organizar uma ou mais palestras, nas quais informações sobre determinados tópicos ambientais são passadas por técnicos especialistas. As palestras requerem pouca relação interpessoal entre palestrante e público e, para atingir os objetivos, o público deve estar bem receptivo e deseioso de obter informações. Muitas vezes, para que isto ocorra, deve ocorrer uma preparação prévia dos educandos, para assistirem à palestra. O palestrante, também, deve adequar a sua linguagem e modos ao público, a fim que as informações não se percam por palavras técnicas, não devidamente explicadas ou por desvio de atenção do público, do tema para o palestrante. Uma palestra não deve durar mais de uma hora e meia, incluindo as perguntas do público.

6. Mesas-redondas. Vários técnicos e/ou pessoas de grande experiência se reúnem em uma mesa sob coordenação do gestor. Eles abordarão um determinado tema, e um terá entre dez e vinte minutos para explorar uma das facetas do tema. Os educandos constituem uma platéia. Após isso, ocorre um debate entre os integrantes da mesa, também respondendo perguntas da assistência. Neste método, a diversidade de opiniões é importante para que os educandos percebam vários ângulos envolvidos no tema. A mesa-redonda não deverá delongar-se muito, pois a curva de aprendizagem do público diminui com o passar do tempo. Entre duas e duas horas e meia seria o tempo suficiente.

7. Cursos. Aqui o tema escolhido pelo gestor será tratado com mais detalhes, pois o técnico terá à sua disposição várias horas ou dias. A relação entre educandos e técnico é bem mais próxima e rica do que os dois métodos anteriores. Os cursos devem fornecer as informações básicas, para quem ainda não as possuem, mas também informações novas.

Uma outra forma de curso, agora sem tanto inter-relacionamento entre os participantes, é o ministrado à distância, através da televisão, internet ou mesmo textos escritos.

8. Eventos técnicos. Os educandos podem ser motivados a participar de eventos promovidos por entidades ou associações, tais sindicatos, associações de bairro, universidades. Os eventos dessas instituições, tais como palestras, mesas-redondas, cursos, seminários e congressos geralmente trazem novos conhecimentos sobre os temas abordados. Essas informações, em um segundo momento, poderão ser reelaboradas na própria comunidade, com a participação do gestor, adaptando-as à realidade local.

9. Sensibilização. Métodos de sensibilização são importantes para uma mudança interior no educando. A transformação da sociedade passa pela individual. Sensibilizar é tocar o “coração”, a “alma”, do educando. É fazê-lo perceber-se integrado na trama da vida, importante na manutenção da vida no planeta. O gestor poderá chegar à sensibilização através de diversas técnicas, tais como projetar imagens naturais (bonitas e horríveis), fazer os educandos pensarem em seus filhos, netos ou amigos e pedir-lhes para imaginar como será o mundo em que viverão, levá-los para ver as estrelas em um local pouco iluminado, permitir que sintam o vento em um campo, a água em um riacho ou as risadas das crianças em um parque. O ser humano é terno por natureza, apesar de muitos indivíduos apresentarem uma grossa casca de aspereza e desprezo pela natureza e por outros seres humanos.

10. Trilhas ecológicas. O contato com a natureza é fundamental para despertar nos indivíduos o amor e a compreensão. Poderão ser feitas trilhas em meio a fragmentos de mata que ainda persistam na comunidade e a áreas de preservação próximas, a fim de um contato maior com os seres presentes neste ambiente. As trilhas podem ser realizadas de dia ou à noite, e mesmo que uma única trilha seja realizada, as experiências serão completamente diferentes. Se não for possível ir com um determinado grupo à noite, pode-se estabelecer trechos nos quais os educandos coloquem vendas escuras para caminhar. O gestor deve estar atento às necessidades básicas, características do seu grupo de educandos, a fim de providenciar com antecedência os recursos logísticos.

Também é necessário mostrar o ambiente ao redor do educando. Assim, trilhas e passeios por dentro do próprio bairro, apontando plantas, animais e recantos pitorescos são importantes para a percepção que o ambiente urbano também se constitui em um complexo ecossistema. Passeios a lixões, a áreas degradadas, a estabelecimentos rurais que utilizam técnicas tradicionais, orgânicas e altamente tecnológicas, e a estações de tratamento de água e de esgotos são bons para que os educandos percebam os malefícios da sociedade de consumo e as alternativas de solução de alguns problemas ambientais.

11. Circuito ecológico. Este método é muito útil para ser utilizado em lugares públicos e em entidades particulares que recebem grupos de pessoas para visitação ou atividades educacionais. O objetivo principal   realizar um passeio por um trajeto conhecido. Ao longo do percurso, há paradas denominadas "estações", onde temas ecológicos pré-estabelecidos são abordados na forma de mensagem rápida com intenção de provocar a reflexão pelo participante. A constru o desta ferramenta passa por quatro fases distintas: a primeira trata da cria o do trajeto; a segunda, da escolha e desenvolvimento temático das estações; a terceira   a prepara o e confec o do material didático; e a quarta   a fase do treinamento dos monitores.

12. Festivais ecológicos. Podem envolver uma ou mais atividades em torno de um tema, tais como músicas, comidas, danças, teatro e pintura. A confraterniza o   a t nica. Um concurso para escolha dos melhores trabalhos feitos pelos participantes pode ser mais um elemento de motiva o.

13. Jornadas ecológicas. Este evento   bem participativo, envolvendo gestor e educandos em um processo de percep o de questões ambientais, sua discussão e o empenho em implementar uma a o. As jornadas normalmente têm a dura o de um dia.

14. Oficinas. As oficinas visam a levar os educandos a refletir sobre determinado tema através da a o. O envolvimento dos educandos pode ser desde pequena, recebendo as informa es, ou até bastante intensa, dependendo da técnica utilizada. As oficinas podem ocorrer em um tempo limitado, por exemplo, durante uma hora, ou podem levar dias, semanas e meses.

Em uma oficina de rápida dura o, o gestor passará os elementos e instru es básicas, em um primeiro momento, mas sem expor qual será o desfecho do trabalho. Os educandos, individualmente ou em grupo, dependendo do trabalho, iniciarão a constru o do material. Ao longo do processo, os contatos interpessoais serão ricos, embora limitados pelo tempo hábil em que eles ter o para entregar o trabalho pronto. Quando todos terminam o trabalho, o gestor os reúne e d  o desfecho, ou seja, explica o resultado final alcançado. Após isso, ele poderá se aprofundar mais no tema da oficina, fornecendo aspectos teóricos e de reflexão. Normalmente, ao final de uma oficina os educandos percebem que construíram algo que poderá ser utilizado ou repetido em outras situa es do seu cotidiano, como em casa, no trabalho e no grupo de amigos.

Em uma oficina de longa dura o, os elementos teóricos devem ser analisados e discutidos em um momento inicial pelo grupo. Leitura de textos com concomitante esclarecimento do gestor   uma boa técnica. Após esse momento inicial, o grupo

irá desenvolver a atividade proposta. Ao finalizar, o grupo e o gestor se reunirão para discutir os resultados obtidos e as impressões e descobertas de cada um.

Existe, ainda, um tipo de oficina de muito longa duração. Nela, os próprios participantes discutem como será a ação, a partir das experiências próprias. Essa preparação pode durar semanas ou meses, e os integrantes do grupo e o gestor devem manter constante contato, pessoal ou por correspondência. Quando a reflexão sobre a ação a ser desenvolvida já está bem amadurecida, o gestor realiza um evento para sistematizar e socializar as reflexões pessoais de todos os integrantes do grupo. O grupo, então, põe em prática a sua proposta de ação, que também pode ter duração variável. Após isto, voltam a se reunir para avaliar os resultados.

15. Jogos temáticos. O gestor fornecerá ao público um *kit* contendo uma questão ambiental e as informações básicas e pistas para a sua solução. Esta atividade lúdica permite, além da aquisição de novas informações, o desenvolvimento da criatividade e das relações pessoais nos educandos.

Uma forma ainda mais participativa, é a criação e construção de jogos realizadas pelos próprios educandos, para serem utilizados na comunidade. A criatividade estará em alta, tanto na concepção dos jogos como na utilização de materiais simples e sucata nas suas construções. E, a diversão em grupo estará garantida quando, ao final, cada grupo mostrar para os demais o resultado de seu trabalho, onde todos brincarão juntos.

16. Produção de desenhos. Um método interessante para ser utilizado com crianças e adolescentes. E, também uma ótima fonte de informação ao gestor ambiental. Elas expressarão suas concepções e preocupações a respeito do ambiente que as cercam. Poderão ser feitos desenhos, pinturas, grafites, cartazes e esculturas, que posteriormente poderão ser montados em um grande painel e expostos para a comunidade.

17. Produção de informativos e gibis. O gestor pode incentivar os educandos a escreverem um informativo ou um gibi, onde um determinado tema será abordado utilizando a linguagem e a experiência dos educandos. O gestor supervisionará os textos produzidos, indicando e corrigindo eventuais noções equivocadas.

18. Produção de cartilhas. Neste método, o gestor e os educandos sentarão juntos para organizar e escrever uma cartilha contendo informações sobre determinado tema. Este método privilegia o contato mais íntimo e a discussão de idéias entre as partes envolvidas.

19. Teatro ecológico. A criação de uma peça teatral, a ser exibida para a comu-

nidade, é uma atividade que requer profunda participação de todos, ao escolher a questão ambiental a retratada e a viabilizar a sua encenação. Os educandos, necessariamente, irão estar fazendo na prática uma análise de conjuntura, com ativa participação, em pé de igualdade, com o gestor. O teatro tem o poder de tocar as pessoas da platéia, que além de aprender novos conceitos passam a se envolver na questão. Dentro deste método, possuem ser utilizadas diversas técnicas, tais como mímica, bonecos, música e dança.

20. Contar histórias. Um contador de histórias da própria comunidade, que resgate sua história, suas tradições e suas belezas é o que há de mais sensibilizante para as pessoas que vivenciaram aqueles momentos e para os jovens. A tradição é recuperada e preservada através das histórias, possibilitando reflexões sobre o caminho que a comunidade irá trilhar no futuro e quais mudanças almejará alcançar.

Conclusão

Como pôde ser percebido, as técnicas para operacionalizar os diversos momentos de uma ação participativa são variadas e ricas, cada uma trazendo em seu bojo elementos úteis em determinadas situações. Exemplos desses métodos e técnicas podem ser encontradas em livros de cunho pedagógico e educacional, alguns deles relacionados na seção abaixo.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, L.; SOARES, G.; PINTO, V. *Oficinas ecológicas: uma proposta de mudanças*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.
- ANTUNES, C. *Jogos para estimulação das múltiplas inteligências*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- CORNELL, J. *Brincar e aprender com a natureza: guia de atividades infantis para pais e monitores*. São Paulo: Ed. Senac/Melhoramentos, 1996.
- CORNELL, J. *A alegria de aprender com a natureza: atividades ao ar livre para todas as idades*. São Paulo: Ed. Senac/Melhoramentos, 1997.
- DIAS, G. F. *Atividades interdisciplinares em educação ambiental*. São Paulo: Ed. Gaia, 1994.

- FIGUEIREDO, R. A. de. Educação ambiental no ensino médio de uma escola de meio rural em Jundiá, SP: pesquisando o envolvimento de estudantes, professores e direção através da execução de um projeto socioambiental. *Anais do III Encontro sobre Educação Ambiental na Agricultura*, p. 16. Campinas. Instituto Agrônômico, 2001.
- HERMAN, M. L.; PASSINEAU, J. F.; SCHIMPF, A. L.; TREUNER, P. *Orientando a criança para amar a Terra*. São Paulo: Ed. Augustus, 1992.
- KOHL, M. F.; GAINER, C. *Fazendo arte com as coisas da terra: arte ambiental para crianças*. São Paulo: Ed. Augustus, 1995.
- MERGULHÃO, M. C.; VASAKI, B. N. G. *Educando para a conservação da natureza: sugestões de atividades em educação ambiental*. São Paulo: Ed. PUC-SP, 1998.
- PEREIRA, S. E.; FERREIRA, M. A.; PECHE FILHO, A.; CARARETO, E. J.; LINO, A. C. L.; FIGUEIREDO, R.A. de. Circuito ecológico: uma ferramenta de educação ambiental. *Anais do I Encontro sobre Educação Ambiental na Agricultura*, pp. 30-31. Campinas: Instituto Agrônômico, 1999.
- TRAJNER, R.; COSTA, L. B. *Avaliando a educação ambiental no Brasil: materiais audiovisuais*. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2001.
- TRAJBER, R.; MANZOCHI, L. H. *Avaliando a educação ambiental no Brasil: materiais impressos*. São Paulo: Ed. Gaia, 1996.
- UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE. *Curso Atividades Ecológicas*. Curitiba: ULMA, 1997.
- UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE. *Curso Atividades Ecológicas II*. Curitiba: ULMA, 1997.

*